



## A ESCRITA DO CORPO FEMININO NEGRO NA POESIA DE MIRIAM ALVES<sup>1</sup>

*Cristian Souza Sales<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como a produção literária feminina afro-brasileira contemporânea tem colaborado para construir outras formas de escrita do corpo feminino negro. Através de suas poesias, partindo de um ponto de vista privilegiado e particular, escritoras afro-brasileiras como Miriam Alves, apresentam olhares que se distanciam, questionam e rasuram imagens estereotipadas, etnocêntricas e falocêntricas, elaboradas historicamente por uma tradição cultural brasileira.

**Palavras-chave:** Poesia afro-brasileira, escrita feminina, corpo, Miriam Alves.

### THE WRITING of BLACK FEMALE BODY IN THE POETRY OF MIRIAM ALVES

#### ABSTRACT

This study aims to analyze how contemporary Afro-Brazilian female literary production has collaborated to build other forms of writing the black female body. Through their poetries, from a privileged and particular point of view, Afro-Brazilian writers like Miriam Alves, presents glances that are distance themselves, and also they inquire and erase stereotypical, ethnocentric and phallogentric images, historically developed by a Brazilian cultural tradition.

**Keywords:** Afro-Brazilian poetry, female writing, body, Miriam Alves.

### IMPRESSION NOIR ET BLANC CORPS FEMININ DANS POÉSIE DE MIRIAM ALVES

#### RÉSUMÉ

Cet article vise à examiner comment la femelle afrobrasilieira la production littéraire contemporaine a permis de construire d'autres formes de l'écriture du corps féminin noir. Grâce à sa poésie, à partir d'un point de vue et en particulier les Afro-brésiliens des écrivains tels que Miriam Alves, ont les yeux qui sont éloignés, et les images stéréotypées, question rasuram ethnocentriques et phallogentrique, historiquement développé par une tradition culturelle brésilienne.

**Mots-clés:** La poésie afrobrasilieira, l'écriture féminine, corps, Alves Miriam

---

<sup>1</sup>As reflexões apresentadas neste artigo foram desenvolvidas durante a elaboração da dissertação de mestrado intitulada Composições e Recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miriam Alves. (SALES, 2011).

<sup>2</sup>Professora de Literatura brasileira e afro-brasileira, Universidade Aberta do Brasil-UAB.



## LA ESCRITURA DEL CUERPO FEMENINO NEGRO EN LA POESÍA DE MIRIAM ALVES

### Resumen

Este trabajo tiene el objetivo de analizar cómo la producción literaria femenina afrobrasileña contemporánea aporta en la construcción de otras formas de escritura del cuerpo femenino negro. Partiendo de un punto de vista privilegiado y particular, a través de sus poesías, escritoras afrobrasileñas como Miriam Alves presentan miradas que se alejan, cuestionan y tachan imágenes estereotipadas, etnocéntricas y falocéntricas constituidas históricamente por una tradición cultural brasileña.

**Palabras clave:** Poesía afrobrasileña, escritura femenina, cuerpo, Miriam Alves.

### 1. CONSTRUINDO UM HORIZONTE DE REFLEXÃO SOBRE O CORPO FEMININO NEGRO

Compor, Decompor,  
Recompor

Olho-me  
espelhos  
Imagens  
que não me contém  
Perdem-se  
de **meu corpo**  
as palavras  
Decomponho-me  
[...]  
Recompondo-me  
sentada  
na  
sala  
de  
espera  
falando com  
meus  
fantasmas

(ALVES, 1985, p. 32, grifos meus).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>Poema publicado pela autora em sua segunda antologia poética *Estrelas no dedo* em 1985.



O corpo é a primeira forma de visibilidade humana que desperta interesses, teorias e interpretações em diferentes áreas do conhecimento. Da medicina às artes, da biologia à cultura, multiplicam-se explicações quanto aos seus aspectos anatômicos, étnicos e estéticos. No campo natural e biológico, o corpo físico é dado como uma materialidade finita. Contudo, para além de seu caráter biológico, o corpo humano sofre interferências ideológicas, culturais, religiosas, políticas, assim como de gênero, raça e classe.

Em *Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas*, Carmem Soares (2006, p.3) afirma que em um sentido mais “agudo” de sua presença, como “materialidade polissêmica”, constituído por múltiplas significações, o corpo “invade lugares” exige compreensão, determina funcionamentos sociais, mas também sofre “determinações pedagógicas”<sup>4</sup>. Nele, a sociedade “circunscreve o seu retrato”, impondo “limites sociais e psicológicos” a sua conduta moral. Esta também fixa “sentidos” e “valores”, submetendo o corpo a normatizações, a “disciplinamentos e as coerções”, além de privilegiar um dado número de atributos físicos e padrões estéticos que o “transformam” e o definem dentro de uma escala entre o aceitável e o inaceitável. E o modo como este se move e modifica-se “revela trechos da história do contexto histórico-social a que pertence” (SOARES, 2006, p. 110)<sup>5</sup>.

Em *É possível realizar uma história do corpo*, Denise Bernuzzi Sant’Anna (2006, p. 3) apresenta abordagem semelhante a de Soares, já que considera a possibilidade de leitura do corpo a partir de duas dimensões, abrindo espaço para reflexões sobre o tema, tanto na esfera biológica – quanto na cultura e/ou simbólica. Para a autora, o corpo é uma “instância biocultural” que é determinada por aspectos naturais, morais, religiosos e históricos. Território simbólico onde “atuam forças que não cessam de inquietar e confrontar”. É um verdadeiro arquivo vivo: “talvez seja o mais belo traço da memória da vida” dos sujeitos (SANT’ANNA, 2006, p. 3).

---

<sup>4</sup>Refiro-me ao artigo intitulado *Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas*, publicado no livro *Corpo e história*, organizado pela autora. Nele, Soares desenvolve a sua abordagem sobre o corpo no âmbito da educação.

<sup>5</sup>Ao mencionar disciplina e coerções, estou me referindo às reflexões propostas por Michael Foucault, em *Vigiar e Punir* (1975). Foucault (1997, p.132) observa que durante a época clássica, houve uma descoberta do corpo como objeto e “alvo de poder”, tornando-se “artefato de controle”, principalmente, por causa de elementos significativos, relativos ao comportamento, à linguagem, aos movimentos e sua organização. Conforme explica o autor, durante o século XVIII havia muitos processos disciplinares para os corpos, os quais eram normalmente realizados em “conventos, nos exércitos, nas prisões e nas oficinas”. Entretanto, outras formas gerais de dominação dos corpos começaram a aparecer em “outros lugares” e de outras maneiras a partir daquele século.



De acordo com Sant'Anna, investigar seus segredos e sua história é uma tarefa ampla e escorregadia, pois quando se pesquisa o corpo por meio de suas inúmeras via - biológica, cultural, educacional, política, antropológica, entre outras -, é preciso destacar uma questão geral: como uma dada cultura ou um determinado grupo social criou maneiras de conhecê-lo e controlá-lo? (SANT'ANNA, 2006, p. 3).

Portanto, diferentemente de realizar uma história do corpo, Sant'Anna orienta que talvez seja mais “instigante” realizar investigações sobre algumas das ambições de “governá-lo e organizá-lo”, pois cada vontade de “manter o corpo sob o controle” é constituída por ideologias, “especificidades e generalidades culturais”. Assim exposto, a autora ressalva que é preciso levar em conta como uma dada cultura “o define e o interpreta”, ou ainda, de que forma um determinado grupo social criou maneiras de “conhecê-lo, governá-lo e controlá-lo”, impondo-lhe condutas morais, sociais, raciais e de gênero ou definindo padrões estéticos. (SANT'ANNA, 2006, p. 3).

Numa vertente de reflexão mais restrita, Nilma Lino Gomes (2006, p. 261), em *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra*, corroborando com as reflexões propostas por Sant'Anna e por Soares, diz que para além do princípio de apreensão do corpo em sua “especificidade biológica” ou mesmo em suas funções “puramente fisiológicas”, aproximando-o das “relações de sentido e de significação”, interpretado em sua “materialidade simbólica”, o corpo está localizado em um “terreno social e subjetivamente conflitivo”<sup>6</sup>.

Segundo Gomes, ao longo da história, o corpo se tornou “emblema étnico”, símbolo a ser explorado, manipulado e transformado nas “relações de poder e de dominação” para marcar “assimetrias sociais”, “classificar, hierarquizar” e estabelecer desigualdades na “distribuição de poder” entre grupos raciais distintos por causa de fenótipos como a cor da pele. Assim, a sua aparência física passou a difundir mensagens e a integrar significados ideológicos relacionados a “atributos negativos e positivos”, introjetados por regras sociais, padrões estéticos, códigos de comportamento moral, transformando-se em “objeto de reflexão e de apelo da cultura” dominante, sendo por ela, “tocado, modelado, modificado”, violentado e agredido (GOMES, 2006, p. 261-262).

Nesse sentido, a autora passa a discorrer sobre o corpo negro, pois segundo ela, “no processo histórico, cultural e político brasileiro”, o corpo negro foi “tocado, modificado”, agredido e violentado nas relações de poder mantidas entre brancos e afrodescendentes. Gomes explica que o corpo negro foi usado

---

<sup>6</sup>O trabalho realizado pela autora sobre o corpo negro, em particular, sobre o cabelo, está relacionado à estética, beleza e identidade negra presente no universo dos salões étnicos. Embora Gomes não trate das representações literárias do corpo feminino negro, suas considerações sobre o significado deste corpo no âmbito da cultura são importantes para a composição de nossa reflexão.



como um dos “sinais diferenciadores” mais evidentes pelo racismo para estabelecer hierarquias entre as classes sociais no Brasil e para marcar a “referência negra” de um sujeito, e, dessa forma, justificar sua posição social subalterna. (GOMES, 2006, p. 261). Sobre este, agiram duplamente a violência física e simbólica, investindo no controle de sua aparência, movimentos, gestos, expressões, desejos, vontades, experiências com vistas “a manter em equilíbrio a sociedade brasileira e suas Instituições”<sup>7</sup>.

Essa é uma das razões pelas quais, na construção de sua identidade, na sociedade brasileira, os negros, sobretudo, as mulheres negras “por meio de um aprendizado contínuo”, precisam aprender a lidar, desde sempre, com um “movimento tenso de aceitação e rejeição”, “negação e aceitação” de seus corpos. (GOMES, 2006, p. 262). Ainda meninas, as mulheres afrodescendentes são impelidas a conviver, cotidianamente, com os referentes de beleza, de poder, de pertencimento, de inserção e de exclusão social, estabelecidos pelos padrões da estética branca, vinculados ao corpo da mulher, concernentes à forma, ao movimento, à proporcionalidade, à cor da epiderme e à textura do cabelo.

Na menina, na moça e na mulher negra, isto gera três tipos de posicionamentos, relacionados ao modo como elas veem o seu corpo negro: a aceitação de suas diferenças, de seus traços étnicos e, como, consequência à elevação de sua autoestima – a autoafirmação de sua estética afrodescendente ou mesmo a rejeição do que visualizamos diante do espelho. Essa ambivalência entre a “aceitação e a rejeição” de nossas “diferenças”, significa o estar no mundo primeiro no “plano da rejeição” para então, depois, nos aceitarmos e nos afirmarmos como pessoas, como sujeitos pertencentes a um grupo étnico racial (GOMES, 2006, p. 262).

Para as mulheres negras e escritoras, neste caso, utilizo como referência a escrita do corpo feminino negro, construída por Miriam Alves, em suas poesias, em que pensar na imagem social deste corpo, em princípio, é refletir sobre essa tensão, a que se refere Nilma Lino Gomes: rejeição, aceitação, autoafirmação da diferença e valorização dos traços étnico-raciais. Por esse motivo, a poetisa afro-brasileira não se refere somente ao corpo físico, biológico ou natural em suas funções “puramente fisiológicas”. (GOMES, 2006, p. 261). O corpo é interpretado em seus versos também como um “território cultural e simbólico” simultaneamente. (SANT’ANNA, 2006, p. 3).

Longe de ser um termo “inerte, passivo e a-histórico”, diz Elizabeth Grosz (2002, p.77), em *Corpos reconfigurados*, segundo a leitura que faço, nos poemas de Miriam Alves, o corpo feminino negro aparece como um termo “crucial” para entender como “interdições, mutilações e intervenções” atuaram sobre as mulheres negras ao longo da história no Brasil, a partir de uma perspectiva interna. (SOARES, 2006, p. 109). Alvo do poder e de poderes, de ambições individuais e coletivas, refletindo o pensamento de um determinado grupo racial - o branco -, sobre seus corpos agiram leis sociais

---

<sup>7</sup>Retomo o pensamento de Michael Foucault em *Vigiar e Punir* sobre a dominação dos corpos.



pedagógicas construídas para fins de controle e disciplina de seus movimentos, funcionamento biológico, conduta moral e aparência física, entre muitos aspectos.

A emblemática afro-feminista e militante negra Lélia Gonzalez (1983), em seu trabalho pioneiro sobre *Racismo e o Sexismo na cultura brasileira*, denuncia como essas formas de representação das mulheres negras e de seus corpos determinaram os lugares ocupados por elas na sociedade brasileira, através das relações de poder mantidas entre brancos e negros historicamente.

Para Gonzalez, nessas figurações expressam-se “os modos de rejeição contra a negra e a mulher”, assim como os aspectos “simbólicos do racismo e do sexismo”, os quais devem ser pensados em termos de contextos e lugares, funções e papéis sociais “naturalmente” atribuídos à mulher negra como “a mucama, a mãe-preta, a mulata rebolante, atualizadas nas passistas do carnaval, sem esquecermo-nos da atual empregada doméstica” (GONZALEZ, 1983, p. 226-227).

Essas questões, levantadas por Gonzalez, são atualizadas nas reflexões propostas pela feminista e afro-americana bell hooks<sup>8</sup> (1995), em *Intelectuais Negras*. Embora as autoras pertençam a espaços geográficos diferentes, ambas compartilham experiências sociais e culturais semelhantes que se entrecruzam, visto que são mulheres, negras e intelectuais, e isso torna as linhas do tempo e de fronteiras quase que imperceptíveis.

Para hooks, em decorrência dessas imagens produzidas pelo discurso dominante, o sexismo e o racismo agiram (agem) duplamente sobre a mulher negra, tentando produzir uma “iconografia de representação”, que “imprime na consciência cultural a ideia de que ela está neste planeta para servir aos outros e ser governada”. Desde a escravidão, conforme define hooks, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o “símbolo quintessencial de uma presença feminina natural e orgânica, mais próxima da natureza animalística e primitiva”. (HOOKS, 1995, p. 468). Por isso, a autora reitera:

[...] as negras têm sido historicamente vistas como encarnação de uma “perigosa” natureza feminina que deve ser governada. Mais do que qualquer mulher [...], **as negras têm sido consideradas como só corpo sem mente**. [...] a utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era exemplificada prática da ideia e que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas (HOOKS, 1995, p. 469, grifos meus).

---

<sup>8</sup>Bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora afro-americana, que escolheu esse apelido para assinar suas obras como uma forma de homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. Grafo o nome dela em letras minúsculas, atendendo ao pedido da própria autora que afirma o seguinte: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”.



Na ótica desses pensamentos racistas e sexistas estão afirmações sobre os perfis dirigidos às mulheres afrodescendentes, cujas marcas simbólicas de representação são elaboradas com base em categorias fenotípicas, orientadas por uma visão masculina essencializada para classificá-las a partir de seu tom de pele: negrinha, pretinha, moreninha ou mulatinha entre muitas outras “escalas cromáticas” e diminutivos racializadores<sup>9</sup>.

Por outro lado, marcando o seu lugar de enunciação como sujeito e objeto de sua produção literária, evidenciando a sua identidade racial e de gênero, o discurso poético de Miriam Alves contesta as representações literárias já existentes sobre o corpo feminino negro, denuncia o silenciamento, a desumanização, a repressão e a invisibilização a que este foi submetido, ao passo que reelabora novos desenhos.

## 2. EM CENA, O CORPO FEMININO NEGRO NA POESIA DE MIRIAM ALVES.

Nascida em São Paulo, Miriam Alves (1952) é autora de um trabalho intelectual em pleno processo de produção até a primeira década do século XXI, constituído por um amplo e variado repertório sobre temas e questões ligadas à afrodescendência: de textos ficcionais (poemas e contos) a não ficcionais (artigos e ensaios etc.). A escritora afro-brasileira iniciou a sua carreira iniciada nos finais dos anos setenta do século XX. Fez parte do Grupo *Quilombhoje Literatura* (1982), responsável pela edição e publicação dos *Cadernos Negros* (1978), convivência que durou nove anos, indo de 1980 a 1989, compondo com os escritores afrobrasileiros Esmeralda Ribeiro, Jamu Minka, Márcio Barbosa e Oubí Inaê Kibuko, a chamada segunda geração.

Em 1982, publicou seus primeiros trabalhos nos *Cadernos Negros*<sup>10</sup>. Ainda na década de oitenta, a poetisa negra lançou duas antologias poéticas: *Momentos de Busca* (1983) e *Estrelas no dedo* (1985), suas primeiras obras individuais. Em edições mais recentes, publicou o livro *Brasilafro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea* (2010), contendo artigos que, em sua maioria, refletem sobre a escrita da mulher negra, além da coletânea de contos *Mulher*

---

<sup>9</sup>Destaco as terminologias utilizadas por Lídia Avelar Estanislau, em *Feminino Plural: negras no Brasil*, artigo publicado no livro *Brasil Afrobrasileiro*, organizado por Maria Nazareth Fonseca (2000). Neste texto, a autora apresenta retratos de mulheres negras que “ultrapassaram as bordas do silêncio”, mostrando a efetiva participação da mulher negra na formação da sociedade brasileira”.

<sup>10</sup> As mais recentes publicações podem ser conferidas no volume 34, *Cadernos Negros: contos afro-brasileiros*, lançado em 17 de dezembro de 2011, com a narrativa intitulada *O velório*. Miriam Alves só esteve ausente de nove edições dos *Cadernos*.



*Matri(z): Prosas de Miriam Alves*, lançada em 2011<sup>11</sup>.

Evidenciado os seus lugares de enunciação, racial e de gênero, observo que Miriam Alves tem buscado contestar as representações estereotipadas e significações depreciativas disseminadas pelo discurso literário brasileiro e contemporizadas como “verdades” para o imaginário social sobre os corpos das mulheres negras. Diante dos desenhos sociais construídos, a escritora tem buscado desvencilhá-los das marcas de racialização e sexualização impostas historicamente pela dominação masculina falocêntrica e branca, antes de revesti-los de outros significantes literários. Assim, a sua voz feminina negra tem se ocupado em questionar o modo como essas imagens foram elaboradas, denunciando os efeitos que elas produziram para a trajetória social das afrodescendentes, como pode ser lido no poema a seguir:

CUIDADO! HÁ NAVALHAS.

[...]

As palavras de concessões  
são navalhas  
retalham minha pele  
diluem meus sentimentos  
soltam-nos ao ar

[...]

Palavras de concessões  
são mordanças  
aveludam os sons do passado  
ensurdecem sentimentos  
forçam a minha negação  
pressionam o meu ser

[...]

(ALVES, 1985, p. 27).

Sob o pretexto de civilizá-los e domesticá-los, por trás do interesse de organizar seus movimentos e controlar seus “desejos sexuais”, considerados “infrenes”, indica Mary Del Priore (1995), motivados pela intenção de torná-los “atraentes” e “dóceis” para serem explorados como corpo-objeto (no exercício do trabalho forçado) e corpo-sexual pela “dóxa masculina”, como sustentam, respecti-

---

<sup>11</sup> Optei por citar algumas obras e trabalhos publicados por Miriam Alves, pois a escritora afro-brasileira possui um amplo e variado repertório de publicações até 2012, inclusive com artigos, ensaios e obras literárias traduzidas em línguas estrangeiras: inglês, espanhol e alemão.



vamente, Michel Foucault (1997) e Pierre Bourdieu (1999): os corpos das mulheres afrodescendentes aparecem moldados e marcados nos discursos ficcionais brasileiros por uma “rede simbólica de significantes”, para usar expressão cunhada por Bhabha (1998), configurando o ponto de vista das classes dominantes e privilegiadas da sociedade brasileira desde o século XIX.

Essa “rede de significantes”, a voz poética feminina negra chama de “palavras de concessões”, responsável pela anulação, inferiorização e aviltamento social das mulheres negras e de seus corpos<sup>12</sup>. Palavras que tentaram diluir sentimentos, experiências e expectativas sociais. Termos negativos que podaram desejos e vontades, mas impuseram outros/outras. Palavras que aveludaram episódios de violência sexual, abusos e castigos físicos, sob o pretense argumento da permissividade dos corpos femininos negros.

Versos que amarram a existência das afrodescendentes aos seus próprios corpos, abreviados a estereótipos raciais e sexuais. Expressões que funcionaram como navalhas, retalhando a pele negra, os corpos femininos negros, decompostos em fragmentos, soltos no ar da invisibilidade social. Reduzidos a mínimas e específicas partes: às feições do rosto, à textura do cabelo, à tonalidade da epiderme, ao formato e a uma relação inexaurível de desqualificantes textuais.

O poema em questão, *Cuidado! Há navalhas*, traduz a consciência da opressão vivenciada pelas mulheres afrodescendentes. Diante dessa realidade, a voz enunciativa manifesta o sentimento de uma revolta contida pelo tempo em silêncio, trazendo à tona o processo de desumanização a que foram submetidos os corpos de suas ancestrais no passado colonial. Contudo, as palavras da autora demonstram que apesar de sofrerem com o alijamento social e serem “obrigadas” a negar a si mesmas, em outros contextos, enquanto pessoas, como sujeitos; por outro lado, as mulheres negras brasileiras podem – através de sua escrita literária – reinventar formas de existência de si e de seus corpos. É o que anuncia o eu-poético na última estrofe: “[...] as navalhas das concessões, quebrar-se-ão, quebrar-se-ão no fio lento da minha dura vivência”.

De acordo com Susan Bordo (1997, p. 23), em *O Corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*, os textos produzidos por mulheres que tiveram seus corpos “perturbados” por representações marcadamente “ideológicas, exageradas e hiperbólicas”, como é

---

<sup>12</sup> Recordo-me da análise realizada por Maria Nazareth Fonseca (2000, p.105), no artigo *Visibilidade e Ocultação da diferença: imagens de negro na literatura brasileira*, a respeito do romance *Gabriela: cravo e canela*. Para a autora, mesmo que a intenção desse texto literário seja a de “glorificar a beleza da mulata”, ao apelar para os atributos físicos, o narrador, no entanto, fortalece estereótipos raciais e sexuais, como os da mulata sensual e exuberante. Ainda de acordo com Fonseca, apesar de a obra denunciar os preconceitos da sociedade brasileira, o texto termina por reiterar traços que, na mulher negra e na mulata, reforçam a “bipolaridade entre esposa/amante”; polos que, ideologicamente, estão relacionados também à cor da pele da personagem.



caso das mulheres negras brasileiras, precisam ser lidos como “um texto agressivamente descritivo” para quem o interpreta: um texto que “insiste e exige mesmo” ser interpretado como uma “afirmação cultural e posição de gênero”<sup>13</sup>. Para Bordo, às vezes, sem “recorrer à política e a voz”, mas sempre a uma linguagem de “protesto” (ou a tudo ao mesmo tempo), os textos femininos ou que apresentam posição de gênero estão endereçados ao pensamento racista e androcêntrico de uma determinada sociedade (BORDO, 1997, p. 27).

Penso que, referindo-se ao corpo feminino negro, Miriam Alves utiliza todos esses recursos mencionados por Susan Bordo. Seus textos, na maioria das vezes, estão direcionados ao sexismo e ao racismo brasileiro, responsáveis diretamente pelas imagens estereotipadas que integram os discursos literários brasileiros de autoria masculina. Assim sendo, elaborando o seu discurso ficcional ou contradiscurso poético-literário, as contraimagens, os contradesejos, a escritora afro-brasileira faz uso de uma linguagem de protesto, tentando cicatrizar as feridas abertas pelas “palavras de concessões”, ao passo que solicita.

Ser pessoa  
Nego as forjas  
as armaduras  
Lapidadas na aparência  
bruta da lama  
Nego as máscaras  
indiferentes  
forjando distância  
Nego o resguardo do  
silêncio (ALVES, 1985, p. 42).

Retiradas de sua condição humana, respectivamente, pela dominação masculina, branca e pelo racismo brasileiro, tratadas como um corpo sexual em excesso, pronto para o consumo do desejo alheio, expostas nos textos literários nacionais como possuidoras de uma “natureza animalística e pri-

---

<sup>13</sup> Evidentemente, a autora, neste artigo, não se refere aos textos produzidos pelas escritoras negras no Brasil e ao modo como seus corpos aparecem impressos nos discursos literários nacionais. Mas, sua leitura sobre o corpo feminino e a forma de interpretação deste corpo pela cultura dominante, inscrito nas relações de poder, permite-nos essa interpretação/aproximação. Partindo mais ou menos dessa visão apresentada por Bordo, considero que as poesias de Miriam Alves são exemplares nesse sentido. Considero, ainda, que os corpos das mulheres negras foram construídos no discurso ficcional brasileiro, “por representações ideológicas, exageradas e hiperbólicas” (ALVES).



mitiva”, “corpos negros sem mente”, conforme acusa bell hooks, (1995), em *Intelectuais Negras*, concebidas como “criaturas ameaçadoras”, como “seres assexuados, desumanizados e inferiores”. Questiona Cornel West (1994)<sup>14</sup>, em *Questão de Raça*, as vozes literárias femininas negras denunciam a exploração racial e de gênero sofrida pelas afrodescendentes, mas, em paralelo, constroem as suas reivindicações.

O eu-lírico reivindica a sua existência humana e reconhece que é preciso negar os discursos forjados, os quais foram responsáveis pelo silenciamento, pelos julgamentos, pela imposição da violência física e simbólica conferida aos corpos das mulheres negras. Logo, é preciso negar as “máscaras indiferentes” construídas por representações sociais com as quais as mulheres afrodescendentes não se identificam. Recusar as “armaduras” que forçaram a sua invisibilização social, impondo-lhes a clausura de rostos e corpos femininos negros. Negar a submissão feminina negra. Afirmar a sua voz, o seu olhar e o seu discurso literário sobre si, como um canto de denúncia, de rebeldia e de renovação: investir em sua imagem social como pessoa a cada linha poética.

Como o discurso não é simplesmente aquilo que “traduz as lutas ou os sistemas de dominação”, mas “é aquilo pelo qual e com o qual se luta”, é o próprio “poder” de que procuramos “assenhorear-nos”, segundo Michel Foucault (1970, p. 2), em *A Ordem do Discurso*, as reiterações empregadas em primeira pessoa, na poesia *Ser Pessoa*, reforçam e podem ser lidas como sinônimos de apelo, de repulsa e de rejeição, às representações do corpo feminino negro, coisificado e objetificado pela literatura nacional. As afirmações e negações no discurso de Miriam Alves contradizem o “discurso verdadeiro” e exclusivo sobre e pelo qual se tinha “respeito e terror”, ao qual era necessário submeter-se porque reinava (FOUCAULT, 1970, p. 3).

Interpreto esses discursos literários nacionais em termos do que Foucault, embora não tenha estudado as estratégias do discurso nesse campo, chama de “discurso pronunciado”, por quem detinha exclusivamente o poder e segundo o ritual era requerido. Um discurso que dizia “a justiça e atribuía a cada um a sua parte”, o seu espaço, o seu lugar; o único discurso que, “profetizando” o futuro das mulheres afrodescendentes, o uso de seus corpos femininos, não apenas “anunciava o que haveria de passar-se” com estes, mas “contribuía para a sua realização”, através da construção de imagens ficcionais negativas. Um discurso que obtinha “a adesão dos homens” (da maioria dos autores brasileiros) e, desse modo, se “entretencia”, definindo o destino de muitas de nós (FOUCAULT, 1970, p. 4).

---

<sup>14</sup> Saliento que, embora analise a realidade dos afro-americanos, Cornel West refere-se às formas de viver na diáspora. Por isso, consideramos que o tema extrapola o sentido geográfico de suas reflexões, permitindo-me inferências sobre questões relativas às experiências afro-brasileiras.



Nos dois poemas analisados, o discurso poético de Miriam Alves apresenta uma nova forma de comunicação sobre o corpo feminino negro. Nele, a poetisa insere uma “boa dose de ousadia” para caminhar no sentido contrário à ordem já instituída pela tradição cultural brasileira. As palavras que surgem ainda “insones” vão despertando desejos, vontades, sentimentos vários, e, principalmente, consciência de uma nova forma de existência humana para a mulher negra brasileira, constituída no plano literário por novas identidades. Essas novas identidades femininas negras que vão sendo formadas, moldadas e esculpidas pelas mãos da poetisa, nascem a partir de um *Estranho Indagar*, cujas figuras projetadas são lidas como um “vulto ou fumaça”, gerada pela tentativa de preencher as faltas, os vazios e as perdas<sup>15</sup>:

[...]  
O vulto não é vulto  
sou eu  
A imagem está turva  
o vulto está nítido  
vejo sua boca  
ostentando dentes  
como teclas de piano  
querendo devorar  
engolir  
degustar  
anular  
[...]  
Vejo sua língua salivando  
louca raivosa  
babando palavras  
desconexas  
O vulto  
Nítido  
Refletido  
Escondido  
Me toma todas as manhãs  
Penetrando em mim como verdade  
[...]  
(ALVES, 1983, p. 12-14).

---

<sup>15</sup> O referido poema abre a primeira antologia poética, *Momentos de Busca*, editada e publicada pela autora em 1983. O texto foi escrito em 14 de Novembro de 1980, quando a autora ainda não publicava seus trabalhos na série literária *Cadernos Negros*.



De acordo com Stuart Hall (2006, p. 38), em *Identidade Cultural na pós-modernidade*, a identidade é realmente algo que vai se formando ao longo do tempo, por meio de “processos inconscientes”, e não como “algo inato”, existente na “consciência no momento do nascimento”. Para o autor, ela sempre está incompleta, “está em processo”, sempre “sendo formada”. Por isso, ao invés de falar da identidade como uma coisa acabada (imagem definida), Hall sugere um emprego do termo “identificação”, vendo-a como um processo em andamento (ou como um vulto), conforme explica:

[...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p.39).

Embora reconheça que a imagem projetada sobre si “ainda esteja turva” e apresente-se como um “vulto”, revelando etapas de um processo contínuo na busca por uma nova identidade feminina negra, o eu-poético insiste: “sou imagem”. Esse novo desenho que aos poucos se configura, apresenta-se em um “Eu” feminino que se auto afirma, constituído por embates travados com os discursos hegemônicos, o que revela em tese, a “dura vivência” que é ser, ao mesmo tempo, mulher e negra, em um país racista e sexista.

Trata-se de um “Eu” que insiste continuamente na desconstrução das representações sociais depreciativas produzidas para os corpos das mulheres negras, como pude detectar nas pistas deixadas pelo modo irônico com que o sujeito poético interpela o olhar da “dóxa masculina” sobre si: “vejo sua boca ostentando dentes, como teclas de piano”, na poesia *Estranho Indagar*. Ao pronunciar na sequência as palavras “devorar, engolir, degustar e anular”, verbos que estão acompanhados por seus inúmeros significados, cujo conteúdo individual revela o modo ora perspicaz e sempre perverso de construção de certos sentidos e estereótipos sobre os corpos das mulheres afrodescendentes via linguagem ficcional, o olhar crítico de Miriam Alves faz com que as expressões percam a sua força de ação, questionando-as: “vejo sua língua babando palavras desconexas”.

Por outro lado, a ideia de um “vulto” significa um ritual de nascimento de corpos e de vidas marcadas pela opressão patriarcal e, estando ao mesmo tempo “nítido”, aparece na imagem feminina refletida diante do espelho, representando uma nova etapa na construção da identidade da mulher negra, cuja materialização acontece de forma simbólica na poesia de Miriam Alves<sup>16</sup>. É o corpo feminino negro metaforizado que pretende significar um novo enredo, uma nova figura, recuperando histó-

---

<sup>16</sup> A poesia completa escrita pela autora em 1979 é constituída por vinte e oito perguntas, oitenta e sete linhas poéticas, entre as quais, a palavra “vulto” aparece pelo menos sete vezes. Quanto à palavra “imagem”, esta surge pelo menos três vezes. Além disso, destacam-se outros signos como “corpo” (três vezes) e “procuro” (quatro vezes).



rias, constituído por novos traços, novos contornos e novos movimentos. Um corpo negro que deseja se desprender das “amarras do silêncio”, promovendo contínuas reversibilidades:

Quero correr em desafio  
soltar meu corpo  
lamber sem sentido  
as verdades  
as mentiras  
não ditas  
não ditas  
verdades escritas  
que não posso entender  
[...]  
Como um aflito  
libertar num grito  
- Quero Viver! Quero Viver!  
QUERO VIVER!  
(ALVES, 1983, p. 26).

Em *Vozes Femininas no Atlântico negro*, Florentina Souza (2006, p. 340) analisando as representações do “feminino” no texto de autoras negras, observa que algumas escritoras contemporâneas, africanas ou brasileiras, tem se voltado para o questionamento do próprio sentido e “lugar do feminino: seus ritos e seus mitos”. Nesse sentido, a autora diz que o corpo assume “papel significativo”, se não “principal”, pois

[...] trazendo inscritos em si signos, histórias, verdades e sutilezas das experiências de vida, com sua exuberância, vitalidade ou rugas, o corpo revela os caminhos trilhados, as mudanças vivenciadas, as escarificações dos tempos e do coração. Em razão das circunstâncias da ordem da cultura e da natureza, a mulher vivencia significativas especificidades de mudanças no corpo (SOUZA, 2006, p. 340).

De acordo com Souza, “[à]s mulheres têm sido, na maior parte das tradições, negado o direito de decidir sobre como agir com seus corpos”. Silenciadas ou marcadas pelas tentativas de “descorporificação”, elas continuam reagindo firmemente contra as várias formas de opressão, principalmente a racial e a de gênero. Assim exposto, ao refletir sobre o papel das mulheres afrodescendentes neste processo de recomposição do corpo por outras imagens ficcionais, discutindo em particular a sua condição feminina em todas as dimensões (sociais, políticas, econômicas etc.), na qual elas saem



da situação de “objeto”, assunto ou tema para tornarem-se sujeito de sua própria escrita, Souza lembra que:

[...] teórica ou poeticamente, as mulheres demonstram a preocupação em apontar e **questionar os papéis e os lugares definidos para si, colocando-se como vozes autorizadas para falar de suas sensações** e percepções-tendo em vista que a autoimagens estão fundamentadas nas experiências de dor, prazer, ou desprazer que **o corpo obriga-se a sentir e a pensar** [...] corpo [...] espaço qualificado historicamente para a grafia e a **leitura das experiências passadas e cotidianas, para a inscrição de sonhos e desejos.** (SOUZA, 2006, p.340, grifos meus).

Ao mencionar e reiterar mais uma vez a necessidade de se libertar o corpo feminino negro das “amarras” elaboradas pelas vozes dos autores brasileiros, “das mordanças de linguagem”, “das mordanças ideológicas” do racismo e das imposições da dominação masculina e branca, o sujeito poético feminino negro confirma o que diz Souza na citação<sup>17</sup>. O corpo feminino que aparece concebido na poesia *Cena do Cotidiano*, “obriga-se” a pensar nas imagens estereotipadas do passado, “nas experiências de dor e de desprazer” vivenciadas, ao longo da história, pelas mulheres afrodescendentes (SOUZA, 2006, p. 340).

Entretanto, apesar de ressentido, segregado e violentado por “mentiras”, é um corpo feminino que deseja se distanciar dos “lugares definidos para si”. Apresenta-se como um corpo em ação e ativo, negando, mais uma vez, a imagem do corpo negro feminino submisso e subalterno construída pelos textos literários nacionais. É um corpo feminino negro que performatiza a luta, a rebeldia e a resistência feminina negra, emudecida nas histórias narradas sobre a presença da mulher negra na sociedade brasileira.

Um corpo feminino negro que faz “contestações” ao imaginário instituído sobre sua representação social: “quero correr em desafio... as mentiras e as verdades inscritas que não posso entender”. Este provoca o aprisionamento e a reclusão do silêncio, mediante atuação de uma voz poética negra, que seguindo o ritmo desse novo corpo, coloca-se imperativa: quero viver! E esse apelo que se expressa em um grito, repetido três vezes no texto, demonstra a ânsia de mudança, o desejo de transformação, de se constituir outra. Por essa razão, no agenciamento destas propostas, o eu literário será categórico em suas solicitações:

Estou a toque de máquina  
corro, louca, voo, suo

---

<sup>17</sup>As aspas correspondem às afirmações feitas por Miriam Alves, no ensaio *Mulheres negras: vozes na literatura* que integra o livro *BrasilAfro Autorrevalado: literatura brasileira contemporânea*, organizado pela poetisa.

**a fumaça sou eu**

[...]

Paro, mas estou sempre correndo  
doem as pernas, os pés

**e este corpo é o meu**

[...]

Indago, mas não estou escutando  
a pergunta anda solta  
e ninguém explicou  
que a resposta sou eu

(ALVES, CN, 1982, grifos meus).

De vulto a fumaça, para além de seu caráter biológico e natural, o corpo feminino negro é interpretado no poema como um “território simbólico e biológico”, onde são inscritas outras formas de representação. Nos versos, são descritas as sensações naturais deste corpo por meio das palavras suar e doer, contrariando mais uma vez a perspectiva de um corpo animado, sem vida, sem sensibilidade, “materializado à força”, suscetível apenas à prática dos prazeres sexuais e o exercício do trabalho forçado, representações bastante difundidas pela literatura brasileira.

Por outra rota de análise, a dor física e o cansaço dos pés, das pernas, do corpo inteiro, mencionados na poesia *Fumaça*, também representam uma dor simbólica, sentida e vivenciada secularmente pelas afrodescendentes em diferentes contextos históricos, já que foram herdadas de suas ancestrais africanas escravizadas. Significam a agonia e a aflição de ter que viver sempre negando as “máscaras”, as “mentiras” e a subordinação da mulher negra em diferentes momentos da história no Brasil. Dessa forma, estão também incorporadas outras questões subjetivas: voar (libertar), indagar e responder, ações e sentidos que estão diretamente relacionados à posição adotada pelas mulheres negras, no que diz respeito ao modo como elas percebem o lugar ocupado por seus corpos femininos na atualidade.

No poema, percebo que o corpo feminino negro não é um produto ou objeto de uma “natureza crua e passiva”, que é “civilizada e polida pela cultura” dominante. Ao mesmo tempo, ele é definido por Miriam Alves como um elemento “cultural e produção da natureza” simultaneamente. É um “lugar” onde são feitas “contestações”, “inscrições simbólicas e subjetivas”, no qual ocorre uma série de lutas: “intelectuais, culturais, estéticas, sexuais e raciais”<sup>18</sup> (GROSZ, 2002, p.77).

Representa um *ente*, carregado de “significações”, tornado para a trajetória da população afrodescendente, em particular, para as mulheres, um espaço que se constitui como “sínteses de sonhos, frustrações, realizações e ambições” (SOARES, 2006, p. 3). Um corpo que, reelaborado pelo

---

<sup>18</sup>Embora não se refira às questões de raça e classe estudando o corpo feminino, apresento aqui a minha leitura com base nas reflexões propostas pela auto



olhar feminino negro, vai produzir contestações e fazer “exigências”, saindo da condição de mero objeto manipulado pela cultura dominante onde foi colocado, para se tornar e se estabelecer como um “tecido social, político e cultural”, entrelaçado a particularidades de raça e de gênero (GROSZ, 2002, p. 74).

Dessa forma, o estar no mundo parece acessível quando se articula e se explicita na voz da escritora negra em nível linguístico e literário, essas questões: a raça e o gênero. Ao pensar a relação com o seu corpo feminino, o sujeito poético provoca: “[...] a resposta **sou** eu... este corpo é **meu**”. O verbo “ser” marca intimamente a presença da identidade de gênero e étnica do sujeito literário, deixando assinalados os lugares de enunciação desses “eus” do corpo que se expressam na poesia em questão. Já o uso do pronome possessivo agencia o rompimento das ideias e olhares historicamente cristalizados sobre a figura e o papel da mulher negra na sociedade brasileira, reforçando a função de sua escrita literária feminina e posição política, “colocando-se como vozes autorizadas para falar de suas sensações e percepções” de si (SOUZA, 2006, p. 340).

Apresenta-se como um corpo feminino negro que pode agora, enfim, (re)composto - na visão de Miriam Alves, solto, alforriado -, vivenciar sua liberdade individual. Corpo-território onde o ser-mulher-negra pode exercer e organizar a sua liberdade de transformação. Corpo feminino negro que produz questionamentos e constrói respostas as suas interpelações, inquietações e frustrações. Corpo feminino negro em luta que se movimenta e se contrapõe a todas as formas de opressão. Corpos femininos negros que guardam vontades reprimidas, que “falam de amor à vida e ao outro”, mas que também refletem sobre sua sexualidade (ALVES, 2010, p. 70).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Pedacos de mulher (entrevista). In: MARTINS, Leda Maria; DURHAM, Carolyn; PERES, Phylis; HOWELL, C. (Ed.). Callaloo, v. 18, n. 4, *African Brazilian Literature*, an special issue. Baltimore: John Hopkins University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Estrelas de Dedo*. São Paulo: Do Autor, 1985.

\_\_\_\_\_. *Momentos de Busca*. São Paulo: Do Autor, 1983.

\_\_\_\_\_. *BrasilAfro autorevelado: literatura afrobrasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

\_\_\_\_\_. A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência. *Revista ABPN*, v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

BRANDÃO, Ruth Silviano e BRANCO, Lúcia Castello. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1989.



BRANCO, Castello Lúcia. As incuráveis feridas da natureza feminina. In: *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1989.

\_\_\_\_\_ Castello Lúcia. Um fio de voz tecendo o vazio. In: *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1989.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: *Gênero, corpo e conhecimento*. Trad. Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CADERNOS NEGROS 5. São Paulo: Quilombhoje Literatura, 1982.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, n. 2, v. 8, p. 91 -108, 2000.

CARNEIRO, Suely. Gênero, Raça e Ascensão Social no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, n.2/ 1995.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1995.

EVARISTO, Conceição. Da representação à autoapresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

FOUCAULT, Michel. Representar. In: *As palavras e as coisas*. Trad. Antônio Ramos Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

\_\_\_\_\_ *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_ *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FIGUEREDO, Maria do Carmos Lanna e FONSECA, Maria Nazareth Fonseca (orgs.). *Poéticas Afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2002.

\_\_\_\_\_ Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negros na cultura brasileira. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.87-116.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolo da Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Brasília: ANPOCS, 1983.
- GROSZ, Elisabeth. *Corpos reconfigurados*. In: *Cadernos Pagu* (14). Campinas: UNICAMP, 2000.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: UCAM, 2001.
- HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras. Estudos feministas*. Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n, 2, p-464-469, 1995.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.
- JAGGAR, Alisson M. e BORDO, Susan R. Bordo. *Gênero, corpo e conhecimento*. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MARTINS, Leda. *A fina lâmina da palavra: o negro na literatura brasileira*. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *História do Negro no Brasil. O negro na sociedade brasileira: Resistência, participação, contribuição*. Brasília: Fundação Palmares-MinC, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O feminino corpo da negrura*. *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte, v. 4, p. 111 -121, Out, 1996.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras negras resgatando nossa história. Papéis Avulsos*, n.13. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, 1989.
- NOGUEIRA, I.B. *Significação do Corpo Negro*. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O corpo da mulher negra*. *Revista de Psicanálise*. São Paulo: Pulsional, ano XIII, n. 135, 1999, págs. 40 -5.
- SALES, Cristian Souza de. *Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miram Alves*. (Dissertação de mestrado). Salvador: UNEB, 2011.
- SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de. *É possível realizar uma história do corpo?* In: SOARES, Carmem Lúcia (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- \_\_\_\_\_. *As infinitas descobertas do corpo*. *Cadernos Pagu*, 2000, pp.235-249.
- SILVA, Ana Rita Santiago. *A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciada e emancipatória*. *Revista Interdisciplinar*. Ano nº5, v. 10, jan-jun de 2010, p. 175-188.
- SOUZA, Florentina da Silva. *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.



SOARES, Carmem (org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2006.

WEST, CORNEL. *Questão de Raça*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

*Recebido em novembro de 2012*

*Aprovado em janeiro de 2013*